

# Histórias de vida de bodegueiros: memórias e práticas comerciais em uma cidade do sertão pernambucano (década de 1970)<sup>1</sup>

*Winemakers life stories: memories and trader's practices in a Pernambuco hinterland city in the 1970's*

Helder Remígio de Amorim<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo trata das histórias de vida de bodegueiros de uma cidade do sertão de Pernambuco chamada Arcoverde. Nas trilhas dos relatos analisamos os hábitos e costumes, as vivências, as dificuldades e os meandros das memórias desses comerciantes. Nesse sentido, acervos pessoais foram entrecruzados com os relatos orais de memória para que fosse possível desvendar as práticas comerciais realizadas nas mercearias e bodegas que consideramos mundos de vida e do trabalho.

**Palavras-chave:** História de vida, cidade, comércio.

**Abstract:** This article presents the life stories of winemakers from a city called Arcoverde, located in Pernambuco State, Brazil. Following the tracks of the stories, an analysis was made of the habits and customs, experiences, difficulties and intricacies of these traders' memories. Personal sets of recollections were interlaced with verbal reports to unravel the commercial practices that took place in grocer's and bodegas considered as places of life and work.

**Keywords:** Life story, city, trade.

Nesse artigo abordaremos as principais vias de acesso aos gêneros alimentícios que a cidade de Arcoverde, em Pernambuco, oferecia aos seus habitantes durante a década de 1970. Apresentaremos sujeitos históricos que tiveram suas vidas voltadas para o comércio, através das inúmeras mercearias espalhadas pelas ruas da cidade. Desvendaremos fragmentos das

---

<sup>1</sup> O presente artigo é parte integrante da pesquisa que realizamos para a dissertação de mestrado *Entre a mercearia e o supermercado: memórias e práticas comerciais no Portal do Sertão*, defendida em 28 de fevereiro de 2011 na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE.

<sup>2</sup> Mestre em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE; vinculado à Secretaria Estadual de Educação – SEDUC de Pernambuco. E-mail: hra1901@hotmail.com.

“trilhas do comércio de alimentos”, caminhos abertos também por muitos que visitavam a cidade em busca de se abastecerem. Ao longo dessas trilhas o leitor será apresentado a alguns comerciantes que tiveram suas vidas marcadas pelo trabalho e foram fundamentais para o abastecimento de muitas famílias, principalmente devido ao fornecimento de crédito.

Arcoverde se encontra a aproximadamente 250 km da capital de Pernambuco, Recife. A cidade se beneficiou de sua localização geográfica, pois está localizada em uma encruzilhada de caminhos que levam a várias outras cidades do sertão de Pernambuco e da Paraíba. Nesse sentido, o comércio, em especial o de alimentos, se transformou em uma das suas principais atividades. Essa localidade se formou a partir de uma feira de gado, impulsionada com a chegada da ferrovia no início do século XX.<sup>3</sup> Todavia, durante a década de 1970 a feira de gado não mais existia, mas Arcoverde continuou sendo um centro de abastecimento de alimentos, tendo como principais eixos o mercado público, a feira livre e as mercearias, as últimas sendo foco desse artigo.

Um grupo social específico será aqui tratado: os comerciantes de alimentos. Apesar das limitações impostas pela documentação,<sup>4</sup> insistiremos na tentativa de demonstrar práticas comerciais, hábitos e costumes que ocorriam em um dos principais eixos de abastecimento da cidade: as mercearias. Durante a pesquisa que deu origem a este artigo, realizamos uma série de entrevistas com comerciantes e consumidores, buscando em suas histórias de vida as relações com o comércio de alimentos. As memórias de Cleto, José, Natanael e Antônio serão utilizadas como instrumentos para narrarmos as práticas comerciais da cidade de que tratamos.

A década de 1970 representou um momento de muitas mudanças de consumo na sociedade brasileira, e o comércio de alimentos foi um dos mais atingidos. As lojas de autosserviço ganharam as ruas do país e proporcionaram novas formas de sociabilidade e consumo, mas também deixaram marcas na memória de pequenos comerciantes.

---

<sup>3</sup> Em 1930 o então povoado de Rio Branco foi elevado à categoria de cidade. Contudo, durante a revisão toponímica de 1943, devido à homônima capital do Acre, sugeriu-se a mudança de nome do município de Rio Branco para Arcoverde. A troca significou também uma homenagem a Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, primeiro Cardeal da América Latina, que havia nascido naquelas proximidades.

<sup>4</sup> Realizar um trabalho de pesquisa histórica em uma cidade que não possui Arquivo Público é um grande desafio. Encontramos a maior parte da documentação em Recife; porém, os acervos pessoais de famílias de Arcoverde se constituíram em importantes fragmentos que tornaram possíveis dimensionar o cotidiano da cidade na época.

Trataremos de uma época em que os balaios eram utilizados como meio de transporte para as compras, sendo carregados por meninos que esperavam ansiosamente a chegada do dia da feira livre. Uma época em que as mercearias pareciam não mais servir aos novos padrões pretendidos pela sociedade, sendo colocadas em discussão quanto a sua assepsia.<sup>5</sup> Também foi um período no qual as mercearias estavam prestes a conhecer um forte concorrente, que acabaria por redimensionar as relações entre comerciantes e pequenos consumidores: o supermercado.

### **As mercearias e bodegas de Arcoverde: mundos de vida e do trabalho**

Nesse momento, trataremos das mercearias e bodegas. Essas últimas existiam espalhadas principalmente nos bairros periféricos. Vendiam de tudo um pouco, serviam para abastecer a população local com produtos manufaturados de uso diário. Era por meio delas que habitantes das áreas mais longínquas do centro compravam o “pão nosso de cada dia”.

Contudo, o abastecimento mais sólido era realizado nas mercearias. Muitas delas se localizavam na mesma rua do Mercado Público, bem próximas da feira livre. Esses estabelecimentos também comercializavam um pouco de tudo dentro da linha de secos e molhados: cereais, enlatados, sardinhas, charque, macarrão, manteiga, biscoitos, querosene, bebidas etc. Ofereciam bens de consumo essenciais para o dia a dia de uma casa. Mas as mercearias também eram espaços de encontros, de sociabilidades, e marcavam a paisagem da cidade na época. Eram locais de início e final de muitas histórias: se alguém quisesse saber alguma notícia, era só se dirigir à mercearia mais próxima que certamente voltaria para casa muito bem informado.

Em 1970, a cidade contava com aproximadamente 276 estabelecimentos que comercializavam produtos alimentícios em forma de varejo.<sup>6</sup> O número provavelmente era bem maior, já que uma grande parte dos estabelecimentos de pequeno porte, como as bodegas, funcionava na ilegalidade. Era uma prática comercial dos habitantes da cidade se abastecerem nas mercearias; elas desempenhavam um importante papel na vida econômica e social das famílias.

---

<sup>5</sup> As condições de higiene da feira livre e do mercado público foram questionadas pelo **Plano de Desenvolvimento Urbano** de 1979.

<sup>6</sup> Dados obtidos através da **Síntese Estatística dos Municípios – Pernambuco** – Arcoverde. Recife: Serpe, 1978. p.74.

Infelizmente restaram poucos fragmentos do passado desses estabelecimentos, que durante muito tempo foram as principais vias de acesso da população à alimentação cotidiana. Alguns memorialistas se dedicaram a esse registro em publicações; porém, foi através de relatos de memória oral que obtivemos a maioria das informações sobre esses estabelecimentos comerciais.

As mercearias eram sem dúvida espaços que concentravam em si significações diversas, mas também locais de “solidariedade entre o dono do botequim e alguns dos seus fregueses”.<sup>7</sup> Nesse sentido, trataremos de algumas dessas mercearias procurando enfatizar práticas comerciais, hábitos, costumes e vidas que foram marcadas pelo trabalho. As memórias dos bodegueiros serão os principais meios que utilizaremos para discutir essas questões.<sup>8</sup>

O universo das mercearias é intensamente marcado por uma série de significados e práticas que definem a vida e o cotidiano de seus trabalhadores. Os relatos de memória oral que serão apresentados possuem algumas congruências temáticas fundamentais para compreendermos o universo pretendido. Porém, a ênfase será em conceber a funcionalidade dessas mercearias, mais especificamente em conhecer aqueles que colocavam seu funcionamento em prática.

## Os bodegueiros

Uma informação importante que obtivemos com a pesquisa histórica em periódicos locais foi a origem migrante dos comerciantes entrevistados. Todos migraram para Arcoverde ainda durante a juventude, em busca de oportunidades ou de melhores condições de sobrevivência. No

---

<sup>7</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008. p.266.

<sup>8</sup> Portelli considerou que a utilização dos relatos orais em uma pesquisa histórica exige uma nova percepção do historiador: “não apenas um desvio gramatical da terceira para a primeira pessoa, mas uma nova e integral atitude narrativa. O narrador é agora uma das personagens e o *contar* é parte da história é parte que está sendo contada”. PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n.14, p.25-39, 1997. Sobre as relações entre pesquisador e entrevistado, afirmou Alberti: “Tem-se então uma relação em que se deparam sujeitos distintos, muitas vezes de gerações diferentes e, por isso mesmo, com linguagem, cultura e saberes diferentes, que interagem e dialogam sobre um mesmo assunto.” ALBERTI, Verena. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. p. 69.

início da década de 1970, um jornal local afirmava a importância dos novos habitantes para a cidade, que eram então chamados de forasteiros:

Esta cidade tem o privilégio de ser beneficiada pelos forasteiros a quem deve o seu desenvolvimento. Todos aqueles que por aqui passaram ou se fixaram, deixaram plantados marcos de empreendimentos. E com esses benefícios recebidos, a cidade vem se projetando entre as demais, com o seu progresso vertiginoso.<sup>9</sup>

É perceptível o discurso progressista da época, que tinha como intenção ofuscar a deficiência dos serviços urbanos, bem como criar a imagem de uma cidade bela e civilizada. A matéria do periódico demonstra a apologia aos forasteiros – considerados responsáveis pelo desenvolvimento, muito provavelmente membros da elite não nascidos em Arcoverde – e não às centenas de migrantes que atravessavam as encruzilhadas da cidade em busca de melhores ares. Quanto aos donos de mercearias, ou bodegueiros, como também eram chamados, podem não ter sido responsáveis pelo desenvolvimento da cidade, mas tiveram uma participação relevante no seu abastecimento.

A seguir analisaremos trechos das histórias de vida de comerciantes que migraram para a cidade, passaram por dificuldades semelhantes e depois se dedicaram ao comércio de alimentos. Um deles chegou a Arcoverde ainda na juventude, e em sua bagagem trouxe o desejo de encontrar um ambiente propício para negociar:

Me chamo Antônio Pereira Quinto. Nasci em Triunfo, Pernambuco, em 1926. O que eu recordo é que nasci trabalhando, com seis anos já ia para a roça com uma enxadinha. Papai ainda botou na escola uns tempos, mas a gente não tinha condições, porque precisava de trabalhar pra criar os outros que eram doze. Não estudei. Era só trabalho. Eu vi que lá em Triunfo tudo o que eu queria ‘tava explorado, não tinha comércio. Aí eu vim fazer compras aqui, cheguei e me engracei com o lugar. Achei que aqui dava pra viver. Quando cheguei lá, disse ao velho. Ele aceitou: é, leve uma das meninas, pode enfrentar, o que você fizer nós aceita. Pronto, em

---

<sup>9</sup> **A Região**, Arcoverde, fev.-mar. 1973. p. 10.

59, cheguei aqui. Aí foi só trabalhar dia e noite que nem um doido.<sup>10</sup>

Uma vida marcada pelo trabalho: Antônio, assim como muitos de sua geração, não teve acesso à educação formal, desde a infância dedicou-se a ajudar o pai na agricultura. Nesse trecho da entrevista percebemos movimentos de memória realizados no relato, que se apresenta como uma janela da sociedade, no qual “a memória individual e a coletiva alinham-se, assim, de maneira inseparável”.<sup>11</sup>

Com o consentimento do pai, Antônio mudou-se para o lugar com que se “engraçou”, vislumbrando a oportunidade de negócios que a cidade poderia oferecer. O entrevistado constrói a imagem de empreendedor, pois teria percebido que no local onde nasceu não havia espaço para desenvolver suas atividades. Chegou a Arcoverde com a intenção de comercializar alimentos, alugou um ponto comercial, abriu uma mercearia na cidade alta. Trabalhou muito, diariamente, e durante muitos anos esteve por trás de um balcão da Mercearia Triunfo, que levava o nome do seu local de nascimento. Depois seus negócios se expandiram e a pequena mercearia foi ampliada, transformando-se em um supermercado.

E assim chegaram a Arcoverde outros comerciantes, como Cleto Oliveira, que também vislumbrou que a cidade poderia oferecer condições favoráveis para comercializar alimentos. Em suas idas e vindas, deixou o local onde nasceu, rumou para São Paulo e, no retorno, desembarcou em Arcoverde:

Meu nome completo é Cleto Clemente de Oliveira. Eu não sou de Arcoverde, não nasci aqui, cheguei aqui vindo de São Paulo. Nasci no dia 25 de abril de 1935, distrito de Brejo da Madre de Deus, num patrimônio chamado Vila Judiá, hoje Jataúba, em Pernambuco. Meus pais foram agricultores, tive dez irmãos. Eu todo dia ia aprender a fazer o nome, ia e voltava a pé, e o sofrimento daquela época era muito grande. Comia uma vez por dia, chegava meio dia mãe botava cada um no seu pratinho. Aí dizia: amanhã só peça meio-dia, antes não peça nada porque não tem. Quando completei uns quinze anos de idade, houve um fichamento na

---

<sup>10</sup> Entrevista com Antônio Pereira Quinto, Arcoverde, 2010. Concedida ao autor.

<sup>11</sup> MONTENEGRO, Antônio. **História, memória e metodologia**. São Paulo: Contexto, 2010. p.63.

Paraíba, em Monteiro, para as frentes de emergência.<sup>12</sup> Passei um ano e oito meses lá. Depois saí de Monteiro e fui para São Paulo, num pau-de-arara. Quando cheguei fui para a Imigração, que era um órgão do governo, não sei se hoje ainda tem, dava direito a você passar quatro dias lá. Os empresários do interior, da safra do café, e da madeira, chamavam o povo pra trabalhar. Naquele tempo São Paulo era um palco de madeira, hoje é o Amazonas. Me chamaram para a madeira, perguntei pra ele “Como é o serviço”? “É muito pesado lá, mas é o serviço que ganha mais”, eu fui. Eu disse, “agora vou trabalhar para ir embora”. Eu sei que nesse serviço passei mais de cinco anos. Eu cheguei lá no dia 13 de agosto de 1952, saí no dia 2 de setembro de 1957, pronto, cheguei lá com 17 anos saí com 22. Quer dizer que essa juventude minha foi dentro do mato, foi enfrentando cobra. Eu sei que no final de conta saí de lá no dia 2, cheguei aqui dentro de Arcoverde no dia 22. Eu já tinha uns parentes que viviam por aqui, e pro sítio num voltava de jeito nenhum. Aí eu fiquei por ali, um dinheirinho guardado no bolso. Eu tenho que botar um negócio porque se parar fica ruim.<sup>13</sup>

A história de vida de Cleto está marcada pelo êxodo rural, pois as dificuldades enfrentadas na infância impediram que pudesse seguir adiante os estudos; logo cedo teve que migrar em busca de melhores condições de sobrevivência. Trabalhou ainda na adolescência nas frentes de emergência, depois trilhou o caminho de muitos nordestinos em sua ida a São Paulo. A dureza e as péssimas condições de trabalho fizeram com que despertasse em Cleto o desejo de retorno. Trabalhou arduamente, enfrentou os perigos das matas paulistas e retornou, não mais para o sítio onde nasceu, mas para uma cidade onde moravam alguns familiares, e na qual teceria sua vida comercializando alimentos.

---

<sup>12</sup> Frentes de trabalho foram criadas em vários momentos do século XX no Nordeste como paliativo para o problema da seca. Elas arregimentavam trabalhadores nordestinos para obras públicas. Contudo, as frentes de emergência relatadas pelo entrevistado, muito provavelmente, foram aquelas implantadas por José Américo de Almeida, quando pela segunda vez foi Ministro da Viação e Obras Públicas do governo federal, em 1953. VILLA, Marco Antônio. **Vida e morte no sertão**: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Ática, 2000. p.169.

<sup>13</sup> Entrevista com Cleto Clemente Oliveira, Arcoverde, novembro de 2007. Concedida ao autor.

Assim como Antônio Quinto, o entrevistado apresenta intencionalmente recursos para demonstrar sua exímia visão comercial.<sup>14</sup> Quando chegou à cidade, direcionou o olhar e analisou as possibilidades de iniciar um negócio, pois o capital adquirido em São Paulo logo acabaria se não fosse movimentado. Depois de comercializar mercadorias por alguns anos na feira livre da cidade, também alugou um ponto comercial e abriu uma mercearia no popular bairro do São Cristóvão. Alguns anos depois, a mercearia se transformou no Supermercado São Cristóvão LTDA, que funcionou por pouco tempo. Convém atentar para a imagem a seguir:



**Figura 1:** Mercearia de Cleto Oliveira. Provavelmente década de 1950.

Fonte: Acervo pessoal de Cleto Oliveira.

---

<sup>14</sup> Concordamos com a afirmativa de Montenegro quando afirma: “Refletir acerca de uma história de vida a partir do relato oral de memória é debruçar-se sobre fragmentos que o narrador – ainda que com a participação do entrevistador – selecionou para construir uma imagem, uma identidade”. MONTENEGRO, op.cit., 2010, p.3. No que concerne à construção de múltiplos sentidos em um relato oral de memória, ver: JAMES, Daniel. **Doña Maria:** história de vida, memória e identidade política. Buenos Aires: Manantial, 2004.



Na imagem da mercearia de Cleto podemos observar o emaranhado de produtos que ficavam por trás do balcão e uma balança que pesava os alimentos na frente do freguês, para que a relação de confiança entre as partes não fosse abalada. Identificamos Cleto de camisa clara. Não encontramos referências nem sobre o fotógrafo nem sobre a data precisa da fotografia, que é aproximadamente da década de 1950, quando Cleto aportou em Arcoverde. A fotografia ficou por muito tempo guardada no álbum de família; o ato de preservar essas imagens tem como intenção demonstrar a coesão familiar, funciona como uma espécie de patrimônio simbólico. Nesse sentido, por meio das fotografias as famílias constroem uma crônica textual de si mesmas.<sup>15</sup>

A seguir, o relato de outro comerciante:

Meu nome é José Rodrigues de Amorim, nasci no dia 27 de abril de 1949, em Tacaimbó, na área rural chamada Mandacaru. Meus pais eram agricultores, trabalhavam na roça. Eu tinha dez irmãos, nove homens e uma mulher. Minha infância lembro que era uma criança normal, muito simples, muito pobre também, brincava com caixas de fósforo, bonequinhos e cavalos de pau, feitos pelas mãos da gente mesmo. Uma infância muito simples, muito humilde. Estudei em vários lugares, mas muito pouco, passava um mês em uma escola, dois meses em outra, as escolas na época eram muito atrasadas, ainda cantavam o ABC, mas nunca demorei em escola nenhuma. No máximo dois meses, mesmo porque a família só vivia se mudando, até por conta do fabrico de carvão, quando terminavam aqueles cortes de madeira, saía de um canto para outro e não tinha como parar em um canto só. Não tinha uma morada fixa. Minhas oportunidades foram poucas. Até que nos final dos anos 60 vim para Arcoverde trabalhar numa mercearia.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 19.

<sup>16</sup> Entrevista com José Rodrigues de Amorim, Arcoverde, 3 de Maio de 2010. Concedida ao autor.

Esse relato apresenta semelhanças com os anteriores, seja pela infância humilde,<sup>17</sup> seja pela dificuldade de acesso à educação. Enfim, indicam a maneira como, na condição de adultos, os entrevistados leem suas infâncias. Contudo, uma diferença significativa é apresentada no relato: a maneira como a família de José sobrevivia através do “fabrico de carvão”. Quando a madeira se esgotava e o carvão ficava pronto, seus familiares seguiam em busca de outro local para continuar vivendo. Isso justifica a afirmação: “nunca demorei em escola alguma”. O trabalho desde muito cedo fez parte do cotidiano do pequeno José, assim como em muitas famílias que desempenhavam atividades semelhantes, como é o caso do pastoreio. José caminhou pelos sertões até a adolescência, quando se fixou em Arcoverde para cuidar dos negócios de um familiar.

O fato é que os três relatos se aproximam, tanto nas histórias de vida quanto nas atividades comerciais desempenhadas pelos entrevistados na cidade. Infelizmente, as lacunas documentais observadas em periódicos, obras de memorialistas, nos acervos pessoais consultados e nos relatos orais de memória não permitem conclusões mais precisas sobre os motivos que fizeram com que a cidade os atraísse. A noção de passagem, a ideia de encruzilhada de caminhos, atribuídas à localidade, não são as únicas motivações que levaram esses três homens a se fixarem em Arcoverde; talvez, a viagem tenha sido conduzida pela almejada busca pela prosperidade.

Apresentaremos mais dois comerciantes que também chegaram à cidade e desempenharam funções nesse ramo comercial.

O primeiro deles chegou a Arcoverde na década de 1940. Natanael Sobreira nasceu em São Lourenço da Mata, cidade localizada na Zona da Mata de Pernambuco. Serviu o Exército Brasileiro e, quando retornou, após a 2ª Guerra Mundial, seus pais estavam residindo em Arcoverde e eram proprietários do Hotel Majestic, um dos poucos da cidade. Preferiu não seguir carreira no Exército, montou uma mercearia na cidade alta, mais precisamente na Rua Idelfonso Freire. Por muitos anos, permaneceu comercializando alimentos no mesmo local.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Sobre o cotidiano da infância em Pernambuco ver: MIRANDA, Humberto; VASCONCELOS, Maria Emília. (orgs.). **História da infância em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

<sup>18</sup> Dados obtidos em entrevista com Ismar Sobreira, Recife, 20 de outubro de 2010. Concedida ao autor.

Outro dono de mercearia migrou para Arcoverde na década de 1950, vindo de Belo Jardim, Agreste do Estado, onde possuía pequenos negócios. Por muitos anos, Antônio Lins, mais conhecido como Toinho Lins, manteve seus negócios em um ponto comercial alugado no Beco de Buíque, em frente ao Mercado Público, e próximo da feira livre. A Mercearia Lins era uma das mais frequentadas na cidade, talvez pela localização central, bem como pela variedade de produtos.

O historiador que se aventura na pesquisa com fontes orais, além de utilizar um aparato teórico complexo, lida diretamente com a vida e, em alguns momentos, enfrenta limites que possuem relação direta com a intimidade do entrevistado. Mas durante a entrevista com Antônio Lins, que teve também a participação do filho de Antônio Lins, um comentário proporcionou alguns questionamentos: “Eu trabalhei demais, não me lembro de tudo, mas trabalhei muito, fiz muita coisa, não fui devagar não. Eu tinha um depósito, botava as coisas na cabeça e levava, lutei muito, trabalhei”.<sup>19</sup> Esforçando-se para recordar, o entrevistado busca quadros de imagens na memória que, juntos, formam um pequeno filme. Talvez, com o enredo que mais marcou sua vida: o trabalho. São lembranças do esforço físico, dos longos dias trabalhados de um homem que não escolhia horas para atender seus fregueses. Admite não se recordar de tudo, mas executa perfeitamente o movimento da memória como trabalho.<sup>20</sup>

Após essa breve apresentação dos donos de mercearias, iremos adentrar nos seus estabelecimentos. É evidente que o reduzido número de fontes historiográficas sobre as camadas populares dificulta o trabalho do historiador, impossibilitando a realização de uma análise mais apurada no caso das mercearias.<sup>21</sup> Porém, mesmo com as adversidades, através de alguns estilhaços do passado é possível analisar as imagens e memórias do tempo das mercearias.

---

<sup>19</sup> Entrevista com Antônio e Erby Lins. Arcoverde, novembro de 2007. Concedida ao autor.

<sup>20</sup> A memória compreendida como trabalho está amparada nas definições de Pollak: “A memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. POLLAK, Michel. *Memória e identidade social. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

<sup>21</sup> A pesquisa sobre as mercearias tornou-se possível devido à colaboração de ex-comerciantes que disponibilizaram os seus acervos pessoais, com fotografias e livros-caixas. Além dos relatos orais de memória.

## O espaço das mercearias

Durante a década de 1970, as mercearias passaram por algumas transformações, devido à modernização do comércio de alimentos. Com o advento do supermercado, houve a adesão de vários estabelecimentos ao autosserviço, outros permaneceram com práticas tradicionais e muitos desapareceram.

Um pequeno espaço dividido por um balcão, rodeado por sacos de alimentos, prateleiras empoeiradas, um homem ao seu centro. Muito provavelmente, era assim a maioria das mercearias da década de 1970 em Arcoverde. Um espaço simples, mas de considerável dimensão social, por onde transitavam grupos sociais variados.<sup>22</sup> Contudo, para termos uma noção mais ampla desse universo, recorreremos à literatura popular:

No balcão de madeira descascada  
Duas torres de vidro são vitrines  
A de cá mais parece um magazine  
Com perfumes e cartelas de Gillete  
Brilhantina safada, canivete  
Sabonete, batom... tudo entempado  
Filizolla balança bem ao lado  
Seus dois pratos com pesos reluzentes  
Dá justeza de peso a toda gente  
Convencendo o freguês desconfiado<sup>23</sup>

O poema não trata especificamente das mercearias de Arcoverde, porém funciona como um aglutinador de imagens para que assim seja possível imaginarmos a dimensão do espaço das mercearias. As bodegas e mercearias representam, na região Nordeste, uma prática antiga do varejo de alimentos: é recorrente a presença desses estabelecimentos na literatura e no

---

<sup>22</sup> Observem como o autor William Porto descreve a mercearia de Seu Olímpio, referindo-se aproximadamente à década de 1970: “É muito difícil descrever aquela mercearia. Digamos que era um ambiente surrealista, com algumas pitadas de fantástico e muito humano. Lá se misturavam o comércio e o sonho; o inesperado e o rotineiro; as lágrimas e o humor. Naquela venda tanto se poderiam encontrar estudantes discutindo futebol e política, como bêbados [...]. Hoje não se fazem mais mercearias como antigamente. Agora quem reina são os impessoais supermercados”. PORTO, William. **O baú de Arcoverde**. Arcoverde: [s.n.], 1986. p.43-44.

<sup>23</sup> QUIRINO, Jessier. Parafuso de Cabo de Serrote. In: **Prosa morena**. Recife: Edições Bagaço, 2001. p.21.

imaginário popular. O poema promove a ideia de uma mercearia muito sortida,<sup>24</sup> na qual até os produtos mais improváveis podiam ser encontrados.

Observe a imagem a seguir:



**Figura 2:** Mercearia de José Rodrigues de Amorim.  
Aproximadamente início dos anos 1970.  
Fonte: Acervo pessoal de Helder Remigio.

Voltamos a tratar de um dos bodegueiros que apresentamos. A imagem é de uma mercearia que ficava localizada no bairro de São Cristóvão, no início dos anos 1970. O proprietário estava em atividade no serviço militar obrigatório; provavelmente, o fotógrafo teve a intencionalidade não de registrar a mercearia, mas sim esse momento da vida de José. O fato de o entrevistado ter preservado a fotografia durante

---

<sup>24</sup> Na linguagem local se refere a um estabelecimento comercial, no caso a mercearia, que possui grande variedade de produtos.

anos demonstra a sua preocupação com a memória, bem como a possibilidade de, contemplando a imagem, flertar com a desaceleração do tempo.<sup>25</sup>

Além da variedade de produtos, é perceptível a simplicidade do estabelecimento – rústicas prateleiras, um armário que possivelmente armazenava pães. Entretanto, foi nesse período que produtos com embalagens mais modernas, enlatadas e plásticas se consolidaram no mercado, em especial, os produtos de higiene e limpeza.<sup>26</sup>

Através da imagem é possível visualizar uma geladeira – na época não era um bem de consumo de fácil acesso –, que provavelmente tinha como finalidade armazenar bebidas, já que muitos produtos enlatados eram vendidos a granel e permaneciam sem refrigeração adequada. Um desses alimentos eram as famosas sardinhas, muito apreciadas e que possuíam um nome “carinhoso”: “espanta vizinho”, devido ao cheiro forte do alimento. Outros alimentos sem conservação ideal também eram comercializados, por exemplo: quitutes e linguiça paio, que faziam a vez daqueles que adoravam degustar uma “branquinha” (aguardente) no momento das compras. Sobre a mercearia, José comentou:

Esse período de 70 passei todinho nessa mercearia, mesmo porque estava servindo o Tiro de Guerra. Tinha um bocado de fregueses, tinha as freguesas das boates na época, elas compravam cerveja e no dia seguinte prestavam conta do que tinham pego. Essa mercearia se acabou, até por conta das despesas sempre maiores, as dificuldades eram grandes e a mercearia não acudia as necessidades, tinha que manter a casa, minha mãe, meu filho pequeno, minha irmã com dois filhos. E você crescia de acordo com a localização da mercearia, de acordo com o movimento. Lá nesse local que estava não era apropriado, não era de esquina, não era chamativo, na verdade era um local ruim. Não deu certo, aí foi quando fui para Brasília.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> SCHAPOCHNIK, N. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau (orgs.). **História da vida privada no Brasil - República**: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 423-512.

<sup>26</sup> Ver MELLO, João Manuel Cardoso de. NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS; SEVCENKO (orgs.). **História da vida privada no Brasil – República**, op.cit. p.568.

<sup>27</sup> Entrevista com José Rodrigues de Amorim. Concedida ao autor.

Essa mercearia ficava localizada próxima à área de meretrício, daí a referência às donas de boate, feita pelo entrevistado. Informações sobre um período em que os bordéis e cabarés davam vida à noite da cidade. Muitas mulheres travavam uma luta diária para sobreviver, e somente o silêncio das noites era testemunha das suas amarguras. Seus trajetos, sonhos, peripécias e devaneios se perderam no tempo.<sup>28</sup> Contudo, no relato a localização é evidenciada como um fator elementar para o sucesso de uma mercearia: o ponto comercial deveria estar em um local que despertasse a atenção dos fregueses, de preferência de movimento constante. A questão social também é atenuada, pois o entrevistado tinha na mercearia a principal fonte de renda para manter a família. As dificuldades de sobrevivência fizeram com que pouco a pouco as despesas se tornassem superiores, o negócio declinou. José seguiu novamente, dessa vez para enfrentar as dores de Brasília.

A imagem a seguir mostra um equipamento de uso comum nas mercearias.



**Figura 3:** Mercearia Lins. Aproximadamente final dos anos 1970.

Fonte: Acervo da Família Lins.

---

<sup>28</sup> No que concerne ao retrato das mulheres públicas, afirmou Rago, referindo-se a no final do século XIX e início do século XX: “Assim o retrato da mulher pública é construído em oposição ao da mulher honesta, casada e boa mãe, laboriosa, fiel, dessexualizada. A prostituta construída pelo discurso médico simboliza a negação dos valores dominantes, ‘pátria da sociedade’ que ameaça subverter a boa ordem do mundo masculino. Seu objetivo principal é a satisfação do prazer e, nesta lógica, prazer e trabalho são categorias antinômicas. Por isso, ela deve ser enclausurada nas casas de tolerância ou nos bordéis, espaços higiênicos de confinamento da sexualidade extraconjugal, regulamentados e vigiados pela polícia e pelas autoridades médicas e sanitárias”. RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.90.

A balança era um instrumento que garantia a funcionalidade da mercearia, até mesmo porque o freguês poderia conferir o peso dos alimentos no momento da compra. Na imagem da Mercearia Lins, é possível perceber, em segundo plano, a variedade dos produtos organizados em prateleiras. No primeiro plano, um gato sobre a balança; o gato, que vivia no interior da mercearia, por muitos anos observou atentamente as negociações de Toinho Lins.

A imagem traduz uma importante questão sobre o espaço das mercearias: o conflito entre um ambiente doméstico e comercial, pois a presença de um animal de estimação no estabelecimento demonstra que a mercearia também era um pouco do lar de Toinho Lins. Algo impensável para o ambiente de um supermercado, que tinha como um dos discursos publicitários a preocupação com os padrões de higiene e saúde pública. Erby Lins descreve o espaço da mercearia, assim como alguns alimentos comercializados:

Naquela época da mercearia, ainda me lembro das coisas que vendia. O bacon não era como o bacon de hoje, era grande e vinha sem bolsa sem nada, era bem defumado mesmo. Era pendurado nas paredes, as mercearias eram todas assim. Outra coisa daquela época era o paio numa lata grande, que vinha na banha, hoje é embalada a vácuo. Naquela época era a granel, a lata era grande, redonda, abria com a chave, e o paio vinha solto todo na banha. Então ficava lá a lata no chão, e os clientes compravam, me dê um paio, dois paios, tirava com um garfo grande. A ameixa naquela época não existia enlatada não, também era a granel.<sup>29</sup>

Alguns questionamentos podem ser traçados a partir das lembranças de Erby. A mercearia provavelmente era um lugar de cheiros fortes, do bacon defumado, ou da banha da linguiça paio. O quadro de imagens também lembra o tempo em que muitos produtos ainda não haviam aderido às embalagens. Ao entrar nessa mercearia, o freguês “deixava de repente atrás de si o barulho surdo e anônimo da cidade para penetrar em uma densidade social extremamente pesada”.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Entrevista com Antônio e Erby Lins, op.cit.

<sup>30</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: arte de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.121.



Após o advento dos supermercados, alguns donos de mercearias assimilaram seus negócios à lógica do autosserviço. Isso significou mudanças na forma de atendimento, bem como no contato direto que clientes – agora não mais fregueses – passaram a ter com os produtos. A análise da imagem da Mercearia Sobreira suscita algumas questões.



**Figura 4:** Natanael Sobreira em sua mercearia. Década de 1970.  
Fonte: Acervo pessoal da Família Sobreira.

Comentamos que a utilização de acervos pessoais em nossa pesquisa se constituiu em uma prática fundamental. Nesse sentido, além dos dados de conteúdo, como o *layout* adotado na mercearia, e produtos alimentícios, a imagem anterior traz algumas peculiaridades, pois foi encontrada em um ambiente doméstico, a casa de um dos filhos de Natanael. A fotografia estava disposta em uma estante e insinuava a construção de uma simbologia, servindo para chamar a atenção de um visitante que, ao dirigir o olhar naquele sentido, irá perceber o sujeito central da família. É passado um “recado da casa para a rua – do privado para o público”.<sup>31</sup>

Durante muitos anos, Natanael Sobreira manteve seu estabelecimento nos moldes tradicionais: nas prateleiras organizava os

---

<sup>31</sup> RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. Álbuns de Família – Fotografia e Memória; Identidade e Representação. **Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho de 2010. p.1-10.

produtos, no balcão atendia os fregueses. Com o advento dos supermercados, vieram novas tendências para o comércio de alimentos. Na imagem acima, Natanael modificou a mercearia, dividiu o espaço em “ruas”, como nos supermercados, aumentou a variedade de produtos, trocou o velho balcão por um mais novo, dinamizou o atendimento. Porém, continuou sem permitir que os fregueses tivessem acesso aos produtos. Nesse sentido, realizou uma “modernização sem mudança”, uma maneira de se adequar às novas tendências sem modificar a lógica comercial.

Alguns donos de mercearias também trilharam o caminho do autosserviço. Suas mercearias transformaram-se em pequenos supermercados, porém as práticas comerciais continuaram. Para os fregueses, independente da mudança do *layout* do estabelecimento, o proprietário continuava sendo o mesmo e as relações de amizade permaneceram. O crédito atrelado à confiança, algo impensável para um supermercado, continuou, e várias temporalidades se cruzaram nessa tentativa de adaptação. Dessa forma, a rede de crédito estabelecida nas mercearias continuou por muitos anos, até que outras mudanças na sociedade fizeram com que paulatinamente desaparecessem.